

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa
Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa

Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

| São Paulo | 2024 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Irina_Timofeeva - Freepik.com
Tipografias	Acumin
Revisão	Edson Leonel de Oliveira
Organizadoras	Emiliana Faria Rosa Luciane Lopes Bresciani

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



8

*Ana Paula da Silva Moreira
Emiliana Faria Rosa*

SURDOS:
ACESSO E PERMANÊNCIA
NO ENSINO SUPERIOR
NA CIDADE DE BAGÉ/RS

INTRODUÇÃO

A educação de surdos no Brasil iniciou em 1855, segundo Rocha (1997), com a vinda de Huet. Anos já se passaram desde esse marco e percebemos inúmeras modificações no sistema de ensino para surdos no País. Passamos, daquela data até os dias atuais, pelo início do ensino de língua de sinais, pela imposição do oralismo, pelo vasto uso da comunicação total e, atualmente, pelo bilinguismo.

Diferentes abordagens de comunicação que cunharam marcos históricos e educacionais para a comunidade surda. É preciso atentarmos ao fato de que uma nova abordagem não interrompeu abruptamente a anterior. Como, por exemplo, quando o oralismo foi imposto, muitos surdos praticavam e se comunicavam às escondidas através da língua de sinais. Tudo isso influenciou a educação dos surdos.

A trajetória escolar dos jovens [...]: a constituição de ambientes escolares bilíngues e a mudança que isso significou em termos de valorização da língua de sinais, assim como da identidade e da cultura surdas, e de participação da comunidade surda no processo educacional, com a inserção de professores surdos no cotidiano das escolas especiais (Bisol *et al.*, 2009).

Segundo Campos (2020), dos 10,7 milhões de pessoas surdas (em seus diferentes níveis de surdez e língua(s) utilizada(s)) no Brasil, apenas 7% têm Ensino Superior completo, 15% estudaram até o Ensino Médio, 46% frequentaram até o Fundamental e 32% não têm nenhum grau de instrução, além disso, em relação aos “[...] estudantes matriculados no ensino superior, o último levantamento do Ministério da Educação (MEC) identificou 5.978 pessoas com deficiência auditiva, 2.235 com surdez e 132 com surdocegueira” (Campos, 2020).

Segundo conversas percebidas na comunidade surda, a cada ano novos surdos ingressam na universidade, porém outros acabam desistindo de se formar. Na cidade de Bagé/RS, a situação não é muito diferente. Apesar de atualmente conter uma escola polo para a educação de surdos, a escolaridade dos surdos dessa cidade é baixa. Tomando essa cidade como *lócus* deste artigo, tem-se a seguinte pergunta: qual a causa do baixo ingresso e permanência do surdo de Bagé na universidade? Veremos isso a seguir.

A ESCOLARIDADE DOS SURDOS EM BAGÉ/RS

A educação é importante para a inclusão social e, apesar dos avanços nas últimas décadas, os surdos ainda encontram barreiras para estudar. Baseando-se em dados informais, em Bagé há aproximadamente 160 surdos, apenas 1% têm Ensino Superior completo, 10% estudaram até o Ensino Médio, 39% frequentaram até o Ensino Fundamental e 50% não têm nenhum grau de instrução.

Informalmente²⁰, sabe-se que, na cidade de Bagé, em 2023, três surdos são formados no Ensino Superior, dois surdos são formados no Ensino Técnico e uma surda desistiu do Ensino Superior por achar as aulas difíceis.

López Melero (2012) identifica três barreiras que dificultam ou impedem a participação dos sujeitos na construção do conhecimento e sua aprendizagem na instituição de ensino. Dentre as barreiras, a cultural (conceitual e atitudinal) e a didática (ensino-aprendizagem) são as que dificultam o maior desenvolvimento acadêmico.

20

Os dados são informais, visto que, mesmo com inúmeros pedidos, a Secretaria de Educação de Bagé não forneceu outros dados quando requeridos.

Bisol *et al.* (2009) colocam que a universidade pode ser um desafio, uma vez que podem ocorrer “[...] problemas de adaptação à vida acadêmica e às obrigações que ela impõe conduzem muitas vezes ao fracasso e ao abandono”. Os alunos surdos, para participar integralmente das atividades acadêmicas, precisariam suprir anos e anos de falhas no ensino que receberam, precisariam corrigir falhas da trajetória escolar anterior, “[...] como deficiências de linguagem, inadequação das condições de estudo, falta de habilidades lógicas, problemas de compreensão em leitura e dificuldade de produção de textos” (Bisol *et al.*, 2009). Sobre a questão de corrigir, uma vez que o aluno tivesse um bom ensino básico, isso seria desnecessário. Ao invés de ter de corrigir, o correto deveria ser ofertar uma educação de qualidade.

Após observação do *lócus*, citamos aqui algumas das causas do interrompimento da educação de surdos em Bagé: falta de condições financeiras (para material, livros, transporte, alimentação), falta de apoio familiar (seja pelo custo, pela baixa escolaridade familiar, necessidade de trabalhar para auxiliar a família, pela incredulidade de que o surdo é apto para estudar ou trabalhar, *etc.*), falta de interesse, falta de medidas educacionais, dificuldade com a segunda língua (o português) e falta de acessibilidade (falta de intérpretes de Libras). Exemplificando o dito acima, tem-se a experiência abaixo:

Morei por cinco anos em Bagé, durante este tempo trabalhei em uma universidade de lá e cursava o doutorado em outro estado. Um dia, num encontro com surdos num evento em Bagé, uma surda me apresentou parte do grupo de surdos, disse que eu era professora e que estudava doutorado. Uma jovem surda olhou pra mim e disse algo que nunca esqueci: 'Estudar mais? Para quê? Eu já recebo auxílio, tá bom'. Lembro que fiquei sem palavras no momento, um pouco em choque com o pensamento da menina. Fico pensando se a fala dela foi influenciada pela família (que era beneficiada pelo auxílio), por pessoas que interagem (dizendo que surdos não precisavam estudar) ou por suas próprias reflexões (Emiliana).

Em 2017, houve a tramitação do projeto de Lei nº 157/2017, que dispõe sobre a inclusão de atividades e conteúdos relativos à Língua brasileira de sinais – Libras – no Currículo Escolar no Âmbito do Município de Bagé e dá outras providências. Somente em 2001 foi elaborada a Lei municipal nº 3643, de 08/01/2001 que dispõe sobre a Língua brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. Porém, o projeto de Lei²¹ e a Lei, ambos aqui citados, são bem diferentes.

Em Bagé, sempre foi muito comum que o aluno surdo fosse encaminhado para duas instituições: a APAE e a Escola de Educação Especial Caminhos da Luz. A primeira, dispensa apresentações, a segunda é uma escola especial, clínica de diagnóstico e tratamento, além de centro de referência no atendimento para autistas. Sendo assim, perguntamos: como e onde se apresenta a educação dos alunos surdos na cidade? Como as crianças surdas estão aprendendo sua própria língua, a língua de sinais? Como estes alunos surdos poderão colocar em prática suas vontades e aptidões escolares e profissionais? Como se coloca a questão da acessibilidade na educação levando em consideração que, mesmo com o esforço de alguns locais, esse contexto é precário?

Eu sou surda bageense, fui uma das poucas pessoas surdas da cidade que teve acesso ao Ensino Superior. Eu não frequentei as instituições Caminho da Luz e APAE - instituições comuns em Bagé para surdos e para todo tipo de deficiência. Desde o Ensino Infantil ao Ensino Fundamental estudei em escolas privadas, eram regulares. Fui bem recebida, a escola de Ensino Fundamental era escola inclusiva, tinham alunos com deficiências, então os professores estavam mais preparados; era a escola mais acessível da cidade e tinha sala de recursos. Porém, em 2006, no Ensino Médio, fui estudar na escola pública. Percebi que era muito diferente da escola anterior em que eu estudei. A escola pública estava sem preparo para receber alunos surdos, além disso, fui a primeira surda a estudar nesta escola. Os professores não conheciam a lei de Libras, não compreendiam, por isso, que o português seria minha segunda língua. Passei por muitas dificuldades por falta de acessibilidade (Ana Paula).

21

Projeto de lei que Dispõe sobre a inclusão de atividades e conteúdos relativos à língua brasileira de sinais – libras – no Currículo Escolar no Âmbito do Município de Bagé e dá outras providências. Disponível em: http://www.camvbage.rs.gov.br/painel/portal_transparencia_projetos/portal_transparencia_projetos4f46703a-5d78-4a85-b603-11cc4ee3a28a.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

Algumas coisas mudaram entre essas experiências nos depoi-
mentos acima e nos dias de hoje, o que pode ser comprovado com
a criação de uma escola polo, na qual alunos surdos podem estudar
com acessibilidade e respeito à Libras e sua cultura. De acordo com
Madruga e Torma (2020), o projeto da escola polo para alunos surdos
foi elaborado em 2017 pelo setor de educação inclusiva da Secretaria
Municipal de Educação de Bagé/RS, uma vez que as escolas regula-
res, muitas vezes, não atendiam às especificidades linguísticas.

Considerando o exposto, através de uma reivindicação
da comunidade surda local, a Secretaria Municipal de
Educação e Formação Profissional de Bagé (SMED) criou
um Projeto para implementação de uma escola, comum
inclusiva, polo para alunos com surdez, com a intenção
de que se torne bilíngue a longo prazo. Para tanto, uma
escola de Ensino Fundamental da rede, selecionada, está
em fase de adequação de sua estrutura física e pedagó-
gica. (Madruga; Torma, 2020, p. 33)

Madruga e Torma (2020) citam ainda que a Secretaria de
Educação optou por uma escola de Ensino Fundamental (pré I a
9º ano), no centro da cidade, para poder receber alunos surdos de
todo o município. Atenta-se ao fato de que em 2017/2018 – período
citado pela publicação de Madrug e Torma – só havia sete alunos
surdos matriculados. A escola possuía 327 alunos com deficiên-
cias, no total. Além de:

25 professores da sala comum, 03 profissionais do
Atendimento Educacional Especializado para Pessoa
com Surdez (AEE-PS), 03 professoras do Atendimento
Educacional Especializado (AEE) para outras deficiências,
08 tradutores intérprete de Língua de Sinais (TILS), 12 cui-
dadores e 09 funcionários (Madruga; Torma, 2020, p.34)

As autoras aqui acima citadas contam que, no momento da
escrita do artigo delas, eram sete alunos surdos. Poucos alunos, se
comparado à quantidade de surdos que a cidade possui. Onde estão?
Onde estão as crianças e jovens surdos da cidade? Onde estudam?

Eles estudam? Atenta-se ao fato de que os números de profissionais ali citados não são somente para atendimento e educação de surdos. São o corpo docente e profissional da escola, no todo.

TER UMA ESCOLA POLO É TER SURDOS NA UNIVERSIDADE?

Antes de responder a essa questão, vamos observar e analisar alguns fatos.

Figura 1 - Jornal Minuano, Bagé/RS, edição de 05 out. 2018.



Fonte: Bidart... (2018).

Figura 2 - Jornal Minuano, Bagé/RS, edição de 23 abr. 22.



Fonte: Rosa (2022).

As notícias da escola polo para a educação de surdos se encontram facilmente pela internet. Jornais locais fizeram reportagens sobre o desenrolar dos acontecimentos. A diferença de datas e de títulos nos leva a acreditar que as coisas mudaram desde o surgimento da escola polo. Será que mudou de verdade e realmente?

Logo depois do concurso público, comecei a trabalhar como professora de Libras e no AEE Libras (Atendimento Educacional Especializado em Libras) em cinco escolas porque tinham cinco alunos surdos cada uma. A comunicação com as escolas era muito limitada. Cerca de dois anos depois deste início, sugeri à SMED que criasse uma escola polo, mas foram muitas lutas e discussões. Somente em 2018 foi criada a escola. Eu acredito que é muito melhor ter uma escola polo para alunos surdos, para eles terem maior interação e contato com outros surdos; assim como também acredito que seria uma evolução para os alunos no futuro (Ana Paula).

Por mais que se tenha esperanças, que se queira realizar, a resposta à pergunta, feita no título desta seção, será não. Ter uma escola polo é um passo no caminho de surdos universitários, mas não resolve tudo. Para termos surdos de Bagé na universidade é preciso ir muito além. É preciso que os alunos surdos tenham professores capacitados, intérpretes em sala de aula, tenham Ensino Médio bom, que os auxilie no vestibular. É ter um vestibular com acessibilidade.

A universidade é um contexto novo e desconhecido para os jovens surdos, com exigências superiores às aquelas a que estavam habituados na escola especial. Seu funcionamento é regido por normas, princípios e características do mundo ouvinte, no qual a comunicação oral-auditiva desempenha o papel central na organização dos espaços de ensino-aprendizagem e de socialização. A grande maioria dos colegas e professores é ouvinte, desconhece as especificidades relativas à surdez, compartilha ideias de senso comum, ignora a língua de sinais e tem dificuldade de se relacionar com o que é, em um grau mais significativo, diferente (Bisol *et al.*, 2009).

Segundo Goffredo (2004), para atender às necessidades educacionais especiais dos jovens surdos, o primeiro passo é assegurar seu ingresso na universidade por meio do vestibular, mas isso não garante que a inclusão se concretize. Vencida a barreira do ingresso, o próximo desafio é a permanência no curso, que depende muito da mediação do intérprete.

Posteriormente, a universidade precisará de acessibilidade linguística, dentro e fora da sala de aula, isso porque os professores podem pedir ou sugerir materiais em vídeo, e será preciso haver legenda ou janela de tradutor e intérprete de língua de sinais. Isso é só um exemplo do que pode ser requisitado. Observamos a experiência de Ana Paula, que está há 11 anos na rede pública do município de Bagé.

Eu percebo que realmente falta que as famílias de alunos surdos sejam mais interessadas no futuro dos surdos, além, é claro, que exista incentivo a uma educação continuada aos surdos, mas também percebo que o pensamento destas famílias muitas vezes é achar que surdos são incapazes ou têm medo que os surdos sofram preconceito em ambientes diferentes ou não querem perder a pensão por invalidez. Um dia, eu em sala de aula tinha explicado para meus alunos que eles podiam escolher a vida com mais qualidade, poder fazer ensino superior, ter carteira assinada ou ser empreendedor, pois sempre precisamos lutar para chegar onde queremos. Uma aluna surda me disse que não quer passar por tudo isso, pois queria ter uma vida fácil e confortável. Assim como alguns surdos pensam que precisam seguir passos da família que não tem formação e, portanto, não precisam continuar os estudos (Ana Paula).

Aqui neste texto focamos no ingresso e permanência do surdo enquanto aluno, mas sabemos que ele irá, futuramente, trabalhar. E se, mesmo com formação, o surdo tiver risco de não ingressar no mercado de trabalho por conta de pré-conceitos da sociedade? E se, mesmo passando em um concurso público, o surdo tiver impedimentos de tomar posse do cargo ao qual concorreu e passou? Abaixo consta o relato da Ana sobre essa experiência.

Em 2012, passei no concurso público no município. Fiz os exames pra entregar na biometria, na hora que fui chamada pra ser atendida pelo médico 'A' minha mãe estava comigo pra interpretar, como sempre; quando saímos, a psicóloga disse que eu tinha que esperar mais um pouco. Depois de muita espera, a psicóloga me disse que eu não estava 'apta' a tomar posse. A primeira coisa que pensei foi a descoberta de um problema de tireóide, eu poderia não estar apta por isso? Minha mãe perguntou o que houve e responderam que, por eu ser surda, não poderia trabalhar. Eu e minha mãe ficamos sem entender nada. A psicóloga disse que eu teria direito a 15 dias para fazer tudo de novo, com outros médicos, 'B' e 'C'. Dias se passaram, fui na biometria novamente, entreguei exames para os médicos 'B' e 'C'; eles avaliaram enquanto eu estava esperando. O resultado era que não estava apta novamente, mas por qual motivo? O mesmo que o último médico havia dito antes. Sou surda e não poderia trabalhar, disseram que eu colocaria em risco a vida das crianças porque eu não escutava nada. Fiquei tão desanimada, mas a psicóloga disse que eu teria direito a mais 90 dias para fazer tudo de novo com outro médico, 'D'. Pensei assim: o que adianta eu fazer tudo de novo se eu vou continuar surda. É melhor ter paciência do que não entrar. Muitos dias se passaram, faltavam uns 30 dias, eu já estava sem paciência para esperar, pensei o que posso fazer pra acelerar, lembrei que o prefeito naquela época era meu amigo e tinha sido meu professor. Resolvi mandar um 'textão' para ele no Facebook, só que mandei no feed público dele, era uma noite, no dia seguinte, quando fui trabalhar, vi que minha mãe tinha me mandado várias mensagens e ligado várias vezes. Perguntei o que tinha acontecido, e minha mãe me disse que tinha dado confusão dentro da Câmara de Vereadores, pois um vereador viu o texto que mandei para o prefeito. O secretário municipal ligou para minha mãe pedindo pra eu levar todos os exames novamente. Pensei: 'é agora que vou entrar!'. Pobre de mim, eu estava tão feliz, pois achava que estaria apta. O médico 'D' avaliou como... não apta! Parece mentira ter acontecido isso, infelizmente... quatro médicos diferentes colocaram não apta! O secretário do município disse para esquecer tudo o que aconteceu em relação à perícia médica. No outro dia tomei posse do concurso. Não é à toa que fui a primeira surda a passar em concurso público em Bagé (Ana Paula).

Dessa forma, observamos que ainda há muito a se fazer em prol dos surdos da cidade, tanto do ponto de vista educacional quanto social. A sociedade deve compreender quem é a pessoa surda, sua cultura, modo de vida. Voltando à pergunta título desta seção, 'ter uma escola polo é ter surdos na universidade?'; a resposta é, certamente, não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, observamos que é necessário compreender a importância da educação de surdos para o crescimento pessoal e social do surdo. É essencial possibilitar o que é de mais básico: educação de qualidade, tradutores e intérpretes de Libras, e, se for o caso, material acessível.

Conclui-se que ofertar acessibilidade linguística é só parte do caminho para uma educação de surdos de qualidade. É extremamente preciso que profissionais envolvidos sejam capazes de retirar as barreiras culturais e linguísticas como as aqui citadas; assim como é preciso que os surdos tenham modelos de surdos adultos, formados, em quem possam se espelhar.

Ofertar a possibilidade de uma educação de qualidade aos surdos é ter pessoas qualificadas no mercado de trabalho. É ter cidadãos participantes na sociedade. Oferecer educação ao surdo não é um favor, mas sim um direito a ser respeitado. Estimular, incentivar, o desenvolvimento do aluno surdo, a fim de que ele compreenda a grandeza de ser mais do que acreditava que poderia. De ser uma pessoa com acesso à língua, cultura e educação, ser parte da sociedade e participante dela.

REFERÊNCIAS

BAGÉ. Lei nº 3643, de 08 de janeiro de 2001. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial**, Bagé, 2001. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/bage/lei-ordinaria/2001/364/3643/lei-ordinaria-n-3643-2001-dispoe-sobre-a-lingua-brasileira-de-sinais-libras-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BIDART se torna polo de educação para surdos. **Jornal Minuano**, Bagé/RS, 05 out. 2018. Disponível em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2018/10/05/bidart-se-torna-polo-de-educacao-para-surdos>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BISOL, Claudia *et al.* Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 39, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PWzSW9ZCtGWQFRztD85gQFN/?lang=pt#>. Acesso em: 21 ago. 2023

CAMPOS, Lorraine. Inclusão Social e os desafios para os surdos no ensino superior. **Vestibular Brasil Escola**, 19 out. 2020. Disponível em: <https://vestibular.brasilescuela.uol.com.br/noticias/inclusao-social-e-os-desafios-para-os-surdos-no-ensino-superior/348346.html>. Acesso: 18 ago. 2023.

GOFFREDO, V. S. A Inclusão da pessoa surda no ensino superior. **Fórum**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 16-22, dez. 2004.

LÓPEZ MELERO, M. La escuela inclusiva: una oportunidad para humanizarnos. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, Zaragoza, España, v. 26, n. 2, p. 131-160, ago. 2012.

MADRUGA, Francine Carvalho; TORMA, Ingrid da Silva. Escola polo para alunos surdos: experiência da rede municipal de ensino de Bagé. *In*: MONTEIRO, Solange (Org.). **Ações e implicações para a (ex)inclusão 3**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/escola-polo-para-alunos-surdos-experiencia-da-rede-municipal-de-ensino-de-bage>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ROCHA, Solange. Histórico do INES. Informativo técnico científico do INES. Edição comemorativa dos 140 anos. **Revista Espaço**, Belo Horizonte, Editora Litera, 1997. Disponível em: http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/bitstream/123456789/486/1/INES_140_anos.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

ROSA, Bianca Vaz da. Professoras falam da realidade da educação de surdos em Bagé. **Jornal Minuano**, Bagé/RS, 23 abr. 2022. Disponível em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2022/04/23/professoras-falam-sobre-realidade-da-educacao-de-surdos-em-bage>. Acesso em: 10 jul. 2023.